

DISCURSO DE POSSE NA AMRJ

Boa noite a todos! Em primeiro lugar, eu gostaria de saudar a presidente da Academia de Medicina do Rio de Janeiro, a doutora Selma Sabrá, os demais membros da diretoria, os demais confrades e confreriras, convidados e autoridades presentes.

É com enorme honra e satisfação que tomo posse como membro titular da Academia. Agradeço de maneira especial ao ex-presidente dr. Leão Zagury, que propôs, incentivou e apoiou intensamente a minha candidatura. Ele é sem dúvida o maior culpado por eu estar aqui neste momento. Agradeço ainda aos demais membros da Academia, que muito generosamente me acolheram. Sinto-me muito honrado por ter sido aceito e agora estar, embora meio que de “penetra”, ao lado da nata da medicina do Rio de Janeiro.

Agradeço também as muitas felicitações que recebi de familiares, amigos, colegas e alunos. “Supermerecido” foi a palavra que mais ouvi ou li desde a minha eleição. Todavia, quando falam em merecimento, sempre me lembro de uma frase de *Hamlet*. Em determinado momento na tragédia de William Shakespeare, o personagem-título diz, com total propriedade, que, se cada um recebesse o que merece, ninguém escaparia do açoite. Assim, não sei se mereço o grande privilégio de pertencer à Academia, porém acredito que toda conquista alcançada com esforço, talento e, o que não pode faltar, honestidade deve ser exaltada e comemorada.

Tornar-se imortal parece maravilhoso, só que não, como aprendemos com a história de Quíron, um centauro da mitologia grega. Seu nome deu origem à palavra “cirurgia”, tendo sido ele quem ensinou a arte de curar a Esculápio, o

deus da medicina. Segundo o mito, Quíron foi ferido por uma flecha atirada por Hércules. Por ser um deus e, portanto, imortal, não morreu, porém eternamente iria padecer de uma dor terrível. Por outro lado, essa história pode ser interpretada de forma inspiradora no que se refere à prática da medicina. Ela nos ensina que a dor do médico é essencial para que ele tenha empatia, para que ele se compadeça do sofrimento do paciente e, conseqüentemente, possa cuidar melhor dele. É por isso que os psiquiatras têm que ser um pouquinho doidos, mas só um pouquinho...

Assumo a cadeira número 56, sucedendo o dr. Fábio Cupertino Morínigo. Em sua brilhante carreira como clínico geral, endocrinologista e intensivista, ele exerceu importantes cargos no Hospital Federal dos Servidores e no Instituto Nacional do Câncer. Foi ainda professor titular de clínica médica da Escola de Medicina da Universidade Gama Filho. Além disso, foi membro titular, depois emérito, da Academia Brasileira de Médicos Escritores. Se ele tivesse vivido mais alguns meses, teríamos sido confrades na ABRAMES.

O patrono da cadeira 56 é o dr. José de Paula Lopes Pontes. De seu impressionante currículo, pode-se destacar que foi Professor Catedrático e Emérito de Clínica Médica da Universidade do Brasil, atual UFRJ; diretor da Faculdade Nacional de Medicina; decano do Centro de Ciências da Saúde da UFRJ; presidente da Sociedade Brasileira de Gastroenterologia e Nutrição; e membro titular da Academia Nacional de Medicina, da qual foi presidente.

Antes de terminar, falo um pouco de minha trajetória pessoal.

Embora no ensino médio eu fosse bem melhor em matemática, física e português do que em química e biologia, optei por estudar medicina. Na

verdade, mais do que médico, eu queria ser psicanalista. Fiquei em dúvida entre o curso de medicina e o de psicologia, requisitos necessários para a formação psicanalítica, e, por fim, decidi tentar o primeiro.

Mas de onde veio o meu interesse pela psicanálise? Essencialmente da arte. Um aspecto comum entre as obras artísticas que me atraíam durante a adolescência era a presença de personagens ou situações de alguma forma relacionadas à psicologia, à psicanálise ou à psiquiatria. Por exemplo, os romances e contos de Machado de Assis estão repletos de “loucos”. Além do delirante Bentinho, de *Dom Casmurro*, podem ser mencionados, entre muitos outros, Quincas Borba, que dá o próprio nome ao seu cachorro, e o alienista Simão Bacamarte, que interna quase todos os habitantes de Itaguaí na Casa Verde, para depois libertá-los e se internar no mesmo lugar. Nas peças de Nelson Rodrigues, são explícitos diversos elementos e conceitos psicanalíticos, como, por exemplo, o complexo de Édipo em *Álbum de família*, além de uma infinidade de comportamentos patológicos: automutilações, suicídios e assassinatos. Nos filmes de Alfred Hitchcock, meu cineasta favorito, os transtornos mentais aparecem com frequência, como a acrofobia de Scottie (James Stewart), em *Um corpo que cai*, e o quadro dissociativo de Norman Bates (Anthony Perkins), em *Psicose*. Em *Quando fala o coração*, também do “mestre do suspense”, Ingrid Bergman faz o papel de uma psicanalista. Woody Allen, em seus primeiros filmes, como ator, tipicamente fazia o papel de “neurótico”: ansioso, depressivo, hipocondríaco, inseguro, tímido. Além disso, em sua obra cinematográfica não faltam psicanalistas, terapeutas, psiquiatras e pacientes. Por fim, eu não poderia deixar de citar o filme *Freud: além da alma*, de 1962, dirigido por John Huston, com Montgomery Clift no papel do “pai da psicanálise”. Aos dezesseis anos, ao

assistir pela primeira vez a esse filme, decidi que, quando crescesse, eu iria me tornar Freud.

Não me tornei Freud, mas fiz formação analítica em uma sociedade filiada à Associação Psicanalítica Internacional, fundada por ele. Além disso, formei-me em medicina – pela minha amada UERJ -, especializei-me em psiquiatria e me tornei professor universitário, pesquisador e escritor.

Analisando em retrospecto a minha trajetória acadêmica, acredito que, pelo menos em parte, consegui sair do lugar-comum. Digo isso no sentido de que algumas das minhas atividades tiveram e têm aspectos atípicos, peculiares. Nesse sentido, dediquei-me à psicopatologia, em um momento em que essa disciplina estava em baixa na psiquiatria; voltei-me para as neurociências, na contramão da maioria dos meus colegas psicanalistas; e usei a arte para ensinar a psiquiatria; além de ter escolhido a carreira docente, tendo a timidez como traço de personalidade. Tentei ser criativo, buscando conexões não tão óbvias, como entre cinema e psiquiatria; arte e medicina; psicanálise e neurociência; literatura científica e literatura não científica; a biografia de um artista e sua obra; e, mais recentemente, entre o transtorno bipolar e a criatividade. Segui esses caminhos não por querer ser diferente, mas porque eles me deram e dão prazer. Faço palestras, digamos, mais sérias, mostrando gráficos e números, no entanto confesso que prefiro exhibir uma cena do filme *Hannah e suas irmãs*, de Woody Allen, para ilustrar o que é a hipocondria, ou falar sobre *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, para mostrar como é um delírio de ciúme. Sem dúvida, em uma aula é essencial a transmissão de informações, porém é de grande importância também que a experiência de ensino seja agradável e afetivamente significativa tanto para o professor como para os

alunos. E, com o passar dos anos, acabou-se o medo, e falar em público se transformou em uma grande satisfação para mim.

Há pouco tempo, dei-me conta de que a presença da arte nas minhas atividades acadêmicas tem um caráter de circularidade. Usar Machado de Assis, Nelson Rodrigues, Alfred Hitchcock e Woody Allen, entre outros, para ensinar psiquiatria me remete à minha adolescência, faz-me retornar aos meus antigos ídolos e suas obras, os quais foram justamente os inspiradores de minhas escolhas pela psicanálise, pela medicina e pela psiquiatria.

Acredito que a Academia de Medicina do Rio de Janeiro, em consonância com os objetivos que constam em seu estatuto, deva estar sempre próxima à sociedade, particularmente a sociedade carioca. Assim, imagino que eu possa ser útil à Academia não apenas em função de minha experiência no exercício clínico da medicina, no ensino e na pesquisa, mas também, e especialmente, em função da minha atuação na divulgação do conhecimento médico-científico. Dois livros de minha autoria com temas psiquiátricos apresentam textos acessíveis ao público leigo: em um deles, foram utilizados filmes e personagens cinematográficos como exemplos clínicos dos transtornos mentais (*Cinema e Loucura: conhecendo os transtornos mentais através dos filmes*); no outro, as biografias de pessoas famosas que sofriam ou sofrem de transtorno bipolar serviram para ilustrar essa condição clínica (*Fogo & Cinzas: as incríveis histórias de bipolares famosos*). Informar adequadamente a população sobre questões médico-psiquiátricas pode ajudar a promover a saúde mental e a combater o preconceito e o estigma associados às doenças psiquiátricas.

Para concluir, eu gostaria de homenagear o Rio de Janeiro, cidade a que está vinculada a Academia e que sempre foi o meu lar. É impossível não amar desesperadamente o lugar que inspirou algumas das mais lindas canções de Tom Jobim; é cenário de diversas obras de Machado de Assis e de Nelson Rodrigues; nos encanta com a beleza do Pão-de-açúcar, do Corcovado e da praia de Copacabana; e se veste de vermelho e preto, para celebrar a paixão pelo Clube de Regatas do Flamengo.

Muito obrigado.